

Entre Fluxos e Contrafluxos, “Periferias” e “Centros”: descentralizando sociabilidades homossexuais na cidade de São Paulo

Entre Flujos y Contracorrientes, “Periferias” y “Centros”: la descentralización de las sociabilidades homosexuales en la ciudad de São Paulo

Between Flows and Counter-Flows, Outskirts and Downtown Areas: decentralizing homosexual sociabilities in the city of São Paulo – Brazil

Ramon Pereira dos Reis

Resumo: este artigo objetiva mostrar a circulação de homossexuais pela cidade de São Paulo, evidenciando os fluxos e contrafluxos desse deslocamento, tanto na periferia quanto no centro. Neste sentido, e com base em dados de pesquisa, constatou-se haver heterogeneidade na produção de corporalidades e estilos relacionados à homossexualidade, assim também processos de diferenciação, identificação e subjetivação fortemente associados ao aspecto da circulação.

Palavras-chave: periferia, centro, sociabilidades, homossexualidade.

Resumen: este artículo tiene como objetivo mostrar la circulación de homosexuales por la ciudad de São Paulo, para mostrar los flujos y contracorrientes de este desplazamiento, tanto en la periferia como en el centro. En este sentido, y con base en los datos de investigación, se ha comprobado, haber heterogeneidad en la producción de corporalidades y estilos referentes a la homosexualidad, así como procesos de diferenciación, identificación y subjetivación profundamente asociados al aspecto de la circulación.

Palabras clave: periferia, centro, sociabilidades, homosexualidad.

Abstract: this paper aims to reveal how the circulation of homosexuals in the outskirts and downtown areas of the city of São Paulo – Brazil – takes place highlighting the flows and counter-flows of that circulation. Research outcomes revealed that the production of corporealities displays features of heterogeneity, styles concerning homosexuality as well as processes of differentiation, identification and subjectivation which are strongly associated with the referred circulation phenomenon.

Keywords: city, center, sociability, homosexuality.

Ramon Pereira dos Reis é Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP).

E-mail: ramonreis@usp.br

INTRODUÇÃO

Ao pender a balança para o lado da viagem, como estou fazendo aqui, o *cronotopo* da cultura (um cenário ou cena que organiza tempo e espaço numa forma completa e representável) passa a se parecer tanto com um local de encontros de viagem quanto de residência, menos parecido com uma barraca numa aldeia, um laboratório controlado ou um local de iniciação e habitação, e mais assemelhado a uma sala de recepção de hotel, um navio ou um ônibus. Se repensarmos a cultura e sua ciência, a antropologia, em termos de viagem, estaremos questionando o viés naturalizador, orgânico, do termo *cultura* – visto como um corpo enraizado que cresce, vive, morre etc. Adquirem maior nitidez as *historicidades* construídas e discutidas, os locais de deslocamento, interferência e interação.

Para insistir: por que não concentrar a atenção no mais extenso âmbito de viagem de qualquer cultura, olhando *também* para seus centros, suas aldeias, seus locais de campo intensivos? Como os grupos negociam em relações externas e como uma cultura é também um local de viagem para outros? Como os espaços são atravessados de fora? Como o centro de um grupo é a periferia de outro? (Clifford, 2000, p. 58-59)

Trata-se de uma pesquisa de doutorado em curso¹. Ademais, faz parte de um projeto em perspectiva comparada entre as cidades de São Paulo e Belém que privilegia o processo de constituição de sociabilidades homossexuais em dois bairros de São Paulo (Itaquera e São Mateus) e no bairro do Guamá, em Belém, localizados nas “periferias”² destas capitais. Para este artigo lanço mão das articulações em lugares para lazer

¹ Pesquisa de doutorado, em andamento, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – Processo nº. 2012/11721-8. Sob orientação do Prof. Dr. Júlio Assis Simões. “As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP”. Uma primeira parte deste artigo foi apresentada no Painel 58 – Gênero, sexualidade: marcadores sociais da diferença, relações de poder e circulações em diferentes escalas -, do V Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia, sob coordenação de Isadora Lins França e Bruno Barbosa, a quem devo agradecer pelas contribuições, além daquelas dos pesquisadores Mário Carvalho, Gustavo Saggese e Bruno Puccinelli. Em um segundo momento, apresentei outros dados no Simpósio Temático 3 – Espaços, Pedagogias e Territorialidades: Estratégias de Campo em Políticas de Gênero e Sexualidade no Urbano -, do VII Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, sob coordenação de Milton Ribeiro e Bruno Puccinelli, aproveito o ensejo para agradecer às contribuições dos coordenadores e dos pesquisadores Marcelo Perilo, Marcio Zamboni e Gibran Braga.

² Quando as palavras “periferia” e “centro” aparecerem aspeadas significam categorias de análise. No caso de estarem grafadas em itálico e sem aspas são termos êmicos.

e sociabilidade, em São Paulo, que não estão circunscritos ao bairro de moradia dos interlocutores (homens e mulheres homossexuais). Levo em conta minhas primeiras andanças nesta cidade, no período de 2011 a 2012, articuladas a uma análise interseccional investida em determinadas marcações de diferença social, a saber: gênero, sexualidade, raça/cor, classe, idade/geração, regionalidade.

A ênfase nos lugares de sociabilidade homossexual localizados em determinadas “periferias” se torna relevante não só pelas singularidades (que serão descritas no decorrer deste texto), assim como por certa tendência da bibliografia que lida com o tema da homossexualidade e sociabilidade, com um expressivo número de trabalhos na primeira década dos anos 2000, em se concentrar nos circuitos de maior visibilidade gay/lésbica ou GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) localizados em “centros” urbanos (Barbosa da Silva, 1959; França, 2012; Meinerz, 2011; Braz, 2010; Henning, 2008; Oliveira, 2009; Reis, 2012; Perucchi, 2001; Trindade, 2004; Guimarães, 2004; Green, 2000; Perlongher, 2008; Simões, França & Macedo, 2010; Green & Trindade, 2005; Puccinelli, 2013).

Parecem-me, então, valiosas as possíveis construções analíticas dos trabalhos supracitados a respeito de um debate complexo sobre produções de sentidos, efeitos e representações para determinadas sociabilidades. Na esteira dessa reflexão, resguardando principalmente os contextos de cada pesquisa, os trabalhos de Brah (2006), McClintock (2010), Haraway (2004), Butler (2003) e Piscitelli (2008), por exemplo, nos ajudam a pensar sobre questões de interseccionalidade e produção de diferença. O uso de análises interseccionais é profícuo por dar ênfase ao lugar que a diferença tem na construção do sujeito e de suas relações, é uma forma de problematizar, contingencialmente e relacionalmente, situações de opressão, hierarquia, preconceito e discriminação.

A compreensão da desigualdade, exploração, opressão ou igualitarismo, deve ser dada numa relação de cruzamento, e não de superposição, entre gênero, classe, cor/raça, idade/geração, regionalidade,

e demais marcadores. Neste sentido, o interesse por análises sobre marcadores sociais da diferença tem exatamente que ver com o fato de raça, sexualidade e classe serem fundamentalmente importantes para o acesso a bens, status, emprego, escola e “escolhas” afetivo-sexuais (Moutinho & Carrara, 2010).

Estudos que tratam da relação entre homossexualidade e sociabilidade, como esta pesquisa, devem fazer interconexão com dispositivos que procuram dar ênfase a contextos de agência dos sujeitos. Ademais, como trato, também, de produção de desejo e de sujeito desejável, podemos relacionar questões de interseccionalidade ao que Perlongher (2008) menciona quando fala sobre “tensores libidinais”. Este autor nos lembra que eixos em que se estabelecem diferenciações sociais também podem orientar desejo.

Vale mencionar que até a década de 1990 a literatura das Ciências Sociais dava ênfase a uma ideia de homogeneidade da “periferia”, de um espaço comum no que concerne à precariedade das condições de vida, por exemplo (Caldeira, 1984). É a partir da década de 1990 que os estudos se voltam para a diversidade e a perceber a complexidade interna das “periferias”, através da heterogeneidade de classes sociais e a distribuição desigual de infraestrutura urbana e serviços (Nascimento, 2006). Esse caráter heterogêneo está relacionado aos movimentos políticos dos próprios moradores em melhorias para o bairro, contudo, ao mesmo tempo em que se garante melhorias nas condições de vida das pessoas que moram em bairros afastados do centro, decorrente da própria consolidação do bairro, há a expulsão de parcelas de moradores mais pobres dessas áreas (Frúgoli Júnior, 2000). Desse modo, parto do pressuposto de que nem toda “periferia” ou “centro” são iguais e que não há estratégias únicas de circulação dos sujeitos (Facchini, 2008).

Deste modo, na tentativa de não dicotomizar noções de “centros” e “periferias”, de tirar certo peso senso comum e analítico que tais categorias carregam e que por vezes são expressas/significadas como pólos opostos, que não possuem relação entre si a partir do

viés que indica ausência de equipamentos culturais, por exemplo, nas “periferias” e, presença destes em “centros”; acredito ser importante pensar na circulação, nos fluxos e contrafluxos (entendidos aqui como deslocamentos de menor escala dos “centros” para as “periferias”, no sentido de lazer e sociabilidade), como forma de borrar noções estanques de “centros” e “periferias”, assim como visões enviesadas/homogêneas de estilo e corporalidade de determinados homossexuais moradores de bairros de “periferia”.

Não obstante os fluxos e contrafluxos pela cidade de São Paulo, corroboro com Feltran (2011, p. 15) ao compreender as “*periferias* de São Paulo enquanto ambientes situados no tempo e no espaço, em que as pessoas se relacionam entre si e com outras esferas do mundo social, de modo plural e heterogêneo”. Convém lembrar, ainda, que tanto “centro” quanto “periferia”, pela própria localização espaço-tempo e por se constituírem em relação a algo, devem indicar sujeitos, contextos, corpos, gêneros, estilos, corporalidades, regionalidades, desejos, classes, cores, gerações, etc. (Puccinelli, 2013)

Como exemplo de etnografias que lidaram com sociabilidade e vivências homossexuais em “periferia”, em grande parte articulando-as à circulação, cito os seguintes trabalhos já finalizados: Oliveira (2006), Moutinho (2006), Medeiros (2006), Aguião (2007), Facchini (2008), Carvalho-Silva (2009), Lacombe (2010), Lopes (2011), Pinheiro (2011), Perilo (2012). Tais trabalhos mostram, pelo menos, dois pontos em comum: a circulação e os processos de subjetivação. A construção das análises tem como principal preocupação apresentar o cotidiano de sujeitos que não se furtam a transpor fronteiras na produção de seus corpos, identidades, práticas sexuais, redes de sociabilidade.

As etnografias supracitadas reverberam a não dicotomia entre “centro” e “periferia”, de fato, essa não é a questão que move os pesquisadores. Foi preciso que cada pesquisador, caminhasse, a seu modo, com seus interlocutores na possibilidade da feitura do olhar com ênfase para a alteridade e para o apontamento de que por menor que

seja a circulação e que ela se circunscreva, por exemplo, ao bairro de moradia, ainda assim, ali naquele lugar onde o olhar não costuma se voltar, cotidianamente são constituídas/os nomeações e sujeitos políticos: *bichas*, *homens de verdade*, *bonecas*, *mulherzinhas*, *entendidos/as*, *mulheres de Kêto*, *LGBT*, *favelado*, *jovens homossexuais*.

Vejamos como tem sido o efeito das circulações. Retomo, a seguir, meus percursos pela cidade de São Paulo na ordem cronológica das incursões, nas quais se espalharam em torno da malha urbana, tanto em regiões “centrais” quanto “periféricas”, com vistas a compreender diferentes produções e sentidos de sociabilidades homossexuais.

1. No Largo do Arouche: circulações para o centro

O Largo do Arouche é um reconhecido lugar de sociabilidade homossexual em São Paulo, desde a década de 1950 (Perlongher, 2008). Localiza-se em um dos extremos da Avenida Vieira de Carvalho, também de circulação de homossexuais, na região do centro da cidade. Nas palavras de Perlongher (p. 106): “No final das contas, o Largo do Arouche parece constituir uma espécie de ‘corredor polonês’, por onde se faz a passagem da primitiva Boca do Lixo à mais atual Boca do Luxo. Esse fato pode explicar o *trottoir* de travestis e prostitutas, como também a afluência de ‘garotos’ e ‘tias’ do subúrbio”. Passadas algumas décadas, e levando-se em conta as transformações pelas quais o lugar e as pessoas sofreram, há que se notar a existência de personagens que podem se assemelhar aos citados pelo autor: travestis, prostitutas, “garotos” e “tias”. Especialmente no domingo, o dia em que estive presente, notei, majoritariamente, a frequência de jovens homossexuais masculinos, vindos de regiões e bairros distintos (Itaquera, Osasco, Itaquaquecetuba, Tatuapé, Tucuruvi, Penha, só para citar alguns) misturados a travestis e michês. Os frequentadores ocupam o Largo inteiro e algumas imediações da Vieira de Carvalho, onde se pode notar a presença de espaços de sociabilidade de predominância de homossexuais de “camadas populares” e desvalorizados e estigmatizados por homossexuais de classes sociais mais altas. Concernente ao viés

transformativo pelo qual passou a região do centro tradicional de São Paulo, Heitor Frúgoli Júnior aponta

[...] o centro tradicional paulistano, que no início do século fora um espaço das elites, passou por um crescimento com a criação de áreas mais valorizadas, ao passo que as anteriores foram sendo gradativamente abandonadas e entregues à deterioração de seus equipamentos. A partir de então, o centro tradicional passou a ser cada vez mais identificado como espaço das classes populares [...] (Frúgoli Júnior, 2000, p. 38).

Antes de expor, propriamente, os dados de campo, gostaria de recorrer a um breve panorama histórico sobre esse “gueto” paulistano a partir das descrições de Simões & França:

A área compreendida pela Praça da República, Avenida Vieira de Carvalho e Largo do Arouche tem se mantido como porção inexpugnável do circuito homossexual paulistano há várias décadas. Depois de um período de relativo esvaziamento no final dos anos 80, essa área central voltou a florescer desde meados da década passada, e hoje aparece como uma “mancha popular” do circuito homossexual paulistano. Ali a concentração de estabelecimentos ocupa também as transversais da Vieira de Carvalho (ruas Aurora e Vitória) – lado a lado com botecos, cinemas e casas de espetáculos de sexo explícito que não foram apropriados pelo público homossexual, e se estende para as avenidas São João e Ipiranga, com cinemas que exibem filmes de sexo explícito entre homens; bem como na direção dos bairros vizinhos da Vila Buarque (ruas Marquês de Itu, Amaral Gurgel), onde se espalham garotos de programa; e da Bela Vista (ruas Martinho Prado e Santo Antônio), onde se encontram bares e danceterias voltados para lésbicas. Desde a década de 1970, pelo menos, essa “mancha” se conserva praticamente na mesma localização geográfica, estando por assim dizer incorporada ao cotidiano do velho centro da cidade.

Muitos dos frequentadores da porção *gay* dessa territorialidade central são rapazes de classes populares, que não moram no Centro e ali se reúnem para tomar cerveja, dançar em alguma das várias boates ou simplesmente buscar possíveis parceiros sexuais, observando o movimento da rua. Com frequência, esses rapazes são chamados de “bichas quá-quá”, “bichas poc-poc”, “bichas um-real” – termos pejorativos, quase “categorias de acusação”, que pretendem designar o jovem homossexual mais pobre e efeminado, de comportamento espalhafatoso e menos sintonizado com linguagens e hábitos “modernos” de gosto, vestimenta e apresentação corporal. A porção lésbica da “mancha” perdeu seu ponto de referência

mais famoso, o “Ferro’s Bar”, mas continua abrigando estabelecimentos que atraem uma clientela feminina em que parece continuar predominando as estilizações corporais e os códigos eróticos que remetem a estereótipos “masculinos” ou “femininos”, conforme o modelo do par “caminhoneira” e “*lady*” – termos usuais que designam respectivamente a lésbica que cultiva um estilo ligado ao “masculino” (gostar de jogos de futebol e tomar muita cerveja, por exemplo) e a sua companheira “feminina”, entre estas últimas, não é raro encontrar *strippers* e garotas de programa. (Simões & França, 2005, p. 316-317).

Da década de 1980 aos anos 2000, esse famoso “gueto” paulistano, apesar das transformações, ainda se constitui como importante espaço de encontro entre homossexuais para situações de paqueras e flertes, além do *trottoir* de travestis e de michês. Seguindo o fluxo dos sujeitos em

³Estudante do curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. Preferi colocar seu nome verdadeiro não somente porque ele me cicero-neou durante a etnografia, mas também porque trata-se de um jovem pesquisador que trabalha com os estudos de gênero e sexualidade articulados a uma perspectiva antropológica urbana, e sua presença foi significativa para os *insights* que tive durante o campo no Largo do Arouche.

torno das sociabilidades homossexuais e do que me informava Eros Sester³, rapaz que me acompanhava, sobre a constituição de grupos mais abertos no Largo do Arouche, resolvi investigar esse indicativo.

Após algumas insistências de Eros para que eu conhecesse a sociabilidade do Largo do Arouche, fui fazer campo em um domingo à noite, porque segundo ele seria o dia em que mais se concentra o público de jovens homossexuais vindos de bairros de periferia e também seria o momento em que eu poderia identificar os tais grupos mais abertos que ele mencionara no nosso primeiro encontro, na praça no Tatuapé, como forma de contrapor a feitura da sociabilidade homossexual naquela praça com o que acontece no Arouche.

Vale lembrar que minha incursão ao Arouche se resume a um domingo sem muitas pretensões de tornar este o meu ponto de partida. Apesar de toda historicidade e representatividade desse espaço, meu interesse, talvez não declarado, sempre recaiu no curso de uma investigação que partisse

da “periferia”. O campo de visão se alargaria a partir da minha percepção sobre a circulação de jovens que saem do “centro” para a “periferia” ou que tem como divertimento espaços na “periferia”. No entanto, isso é bem diferente da circulação que as pessoas estão acostumadas a perceber e que eu, também, fui me acostumando: a notável intensidade com que jovens se dirigem ao centro, especificamente no domingo, e não o contrário.

Fazendo valer a indicação de Eros, desloquei-me de casa, no bairro do Butantã, em um domingo à noite, na certeza de encontrá-lo para podermos trocar dados de campo e na esperança de encontrar uma sociabilidade que lembrasse aquela de Perlongher (2008) ou que se assemelhasse aos dados de Simões & França (2005), apesar das transformações. Ingenuidade de mais ou de menos, o fato é que segui os caminhos pelos quais fui levado. Desci na estação de metrô República, na saída da Rua do Arouche. Ao notar a coincidência textual – a rua leva o mesmo nome que o Largo –, tive certeza de que estava no caminho certo e que a minha empreitada antropológica viria tomar forma sob a figura dos michês reunidos em meio a um ponto de táxi. Meu olhar, por alguns minutos, fitava os michês e as dezenas de jovens que saíam do metrô em direção à Avenida Vieira de Carvalho, ou somente Vieira, até chegarem ao ponto final, o Largo do Arouche.

Ao adentrar a Vieira, fui mapeando a diversidade e a diferença gritantes que se colocavam à minha frente, representada pela distinção entre pequenos “códigos-territórios” (Perlongher, 2008), que traziam à tona processos de identificação para além do espaço físico: estilo, corporalidade, músicas e estrutura construía um sentido para cada grupo. Iniciei a minha caminhada e parei em frente aos bares Soda Pop e Caneca de Prata, reconhecidos pela predominância de homens homossexuais mais velhos – *mariconas* – com idade entre 30 e 50 anos, a maioria brancos, grisalhos ou carecas, com barba e cuja maior parte não fazia exibição do corpo, fazendo uso de vestimentas mais sóbrias, de tonalidades escuras. Os estilos musicais mesclam um pop rock da década de 1980 e 1990, sendo que, no Caneca de Prata, também é possível ouvir Música Popular Brasileira (MPB)

Por fim, sem deter as análises à descrição pormenorizada de todos os “microguetos”, apenas dos que me chamavam a atenção, notei o bar Habeas Copus, um bar fechado com uma pista de dança. Ao som de brega, sertanejo, funk, axé, dance, reggae, hip-hop e samba, os corpos se movimentam num bailado coreografado e bem marcado conforme o estilo musical. Em geral, são homens homossexuais negros – *bichas quá-quá*, *bichas poc-poc* – trabalhadores do comércio ou de empresas privadas, alguns vindos da Zona Leste (Tatuapé, Itaquera, Penha, Carrão), Zona Norte (Tucuruvi e Santana), Zona Sul (Vila Mariana, Jabaquara), uma grande parte de origem nordestina (Bahia, Pernambuco, Piauí e Ceará), na faixa etária de 18 a 30 anos, compondo um estilo corporal que mescla performances mais femininas com mais masculinas, sustentados pelo uso de calça jeans ou bermuda, camiseta e tênis.

Após paradas, olhares e sensações, eis que cheguei no Largo do Arouche. Tentei me situar em meio a tanta informação: pessoas entregando *flyers* de boates, uma banca de revistas, restaurantes, casas noturnas, lojas de roupas, bares, um posto policial, prédios residenciais, travestis, michês, heterossexuais, homossexuais, negros e brancos em torno do burburinho e agitação de jovens no Largo. “Em noites de domingo eles ocupam todo o Arouche”, disse Eros ao me encontrar. A cada passo que dávamos percebi como o corpo era a moeda de troca do desejo e das parcerias afetivo-sexuais. Assim como o meu corpo e o de Eros. Não pude deixar de perceber os vários olhares que recebemos quando adentramos a praça. Parecia uma passarela em que o público que nos via indicava suas preferências, ou não, através de olhares, insinuações para o sexo por meio do toque na genitália, falas que indicavam um cumprimento (“Oi?”) ou paquera (“*Você tá sozinho?*”). Não lembro de ter ficado constrangido, pois vivenciei situações parecidas na pesquisa que desenvolvi no mestrado (Reis, 2012), quando recebia algumas cantadas nas boates Lux e Malícia.

Passado esse “momento passarela”, paramos no meio da praça para que eu pudesse fazer algumas observações. Não costumava tomar nota em blocos ou cadernos, fazia a lembrança do campo quando chegava em casa. Usei essa tática para que o ato de anotar não ofuscasse uma possível

⁴ Atentando para o fato de que o uso do termo “bagaceiro” é polissêmico (Henning, 2008) e, por isso depende de quem fala e por onde circula/frequenta, o mais interessante aqui é borrar as fronteiras deste termo, pois é possível localizar lugares “bagaceiros” no “centro” das cidades, a exemplo da Avenida Vieira de Carvalho.

tentativa de aproximação. O que pode perceber, naquele domingo, sobre performance corporal que combina vestimenta e estilo, foram posições marcadas que já venho percebendo há algum tempo, em diversos lugares, sejam eles *finos* ou *bagaceiros*.⁴

Trata-se da delimitação distinta entre homossexuais (homens e mulheres, rapazes e moças, meninos e meninas) mais masculinas/os ou mais femininas/os – em outros termos, entre *manos* e *bichas* (França, 2012), *homens de verdade* e *bichas* (Oliveira, 2006), *monas ocó* e *pintosas* (Reis, 2012) e *caminhoneiras* e *ladies* (Facchini, 2008; Lacombe, 2010). A confirmação dessa lógica, para esses jovens, é produzida no caminhar, falar, cumprimentar e conversar: faz parte de um processo de socialização mais amplo, que mescla elementos da rua (do Arouche, por exemplo) com aqueles de conduta sexual e social (Gagnon & Simon, 1973), aprendidos no âmbito familiar. O que quero dizer é que se trata de um aprendizado de códigos e regras que se assemelha a condutas construídas na família.⁵

A representação dessas condutas ocorre quando, no Largo do Arouche, em algumas situações, meninas (homossexuais ou heterossexuais) baixam o tom de voz nos grupos para dar vez aos meninos (homossexuais ou heterossexuais) gritarem sob a utilização do

⁵ Para além da família de origem desses jovens, Guimarães & Calixto (2012, p. 8) mostram que há a formação de outras *famílias* no largo: “Essas *famílias* seriam como subgrupos em que se estabeleceria uma certa divisão de papéis *familiares*. Existem ‘pais’, ‘mães’, ‘avós’; pudemos perceber que essa divisão obedece mais ou menos à ordem de entrada dos membros dentro das *famílias* e as afinidades que os novos participantes possuem com os mais ‘antigos’. Tais subgrupos serviriam especialmente como garantia de proteção a possíveis agressões sofridas pelos membros das *famílias*; nesse sentido, caso um dos membros de uma *família* se envolva em um conflito com alguém no largo, a *família* irá protegê-lo ou ‘acertar as contas’. Os/as frequentadores/as disseram que tais subgrupos possuíam maior relevância antes de começarmos a frequentar o campo, e que devido a brigas e conflitos frequentes, muitas dessas *famílias* acabaram ou perderam sua importância. As opiniões em relação a tais grupos varia entre aqueles/as que são a favor ou contra as *famílias*. Alguns dizem que elas são importantes para que os seus membros estejam protegidos; outros acreditam que elas não deveriam existir, visto que são elas próprias que estimulam os conflitos, além de incentivarem o uso de bebidas alcoólicas e drogas”.

som grave da fala; quando a maioria dos jovens que bebem são homens (homossexuais ou heterossexuais). Aparecem também condutas desse tipo quando uma *bicha* ou uma menina (homossexual ou heterossexual) gritam e são taxados de loucos, quando vários homossexuais mais masculinos acham estranho ou engraçado um homossexual mais feminino utilizar salto alto, bermuda curta ou cabelo pintado ou, ainda, quando no flerte, seja entre meninos e meninas (homossexuais) mais masculinos, estes possuem ar de superioridade na tomada de iniciativa e conquista.

Conforme ia andando e observando, percebi os grupos e os sujeitos: o *mano*, a *bicha* feminina de cabelo pintado e roupas curtas, a *sapatão* masculina com roupas largas, a *lady* maquiada e de roupas justas, as *mariconas* (em minoria), compondo um visual semelhante aos mais jovens – uso de bermudas, tênis, camisas *baby look*, corpos malhados. O que Eros me falou sobre os grupos mais abertos eu pude comprovar, pois foi onde consegui ter uma maior entrada, permitindo-me algum tipo de contato verbal. Notei, nas falas, a importância do Largo do Arouche, na vivência de suas homossexualidades. Não procurei saber se sofriam, ou não, discriminação nos bairros de onde vieram. Meu interesse maior era para os usos e sentidos do espaço na economia daquela circulação, naquela geografia socioespacial do desejo.

Foi bastante expressivo notar como os espaços de sociabilidade homossexual em torno do Arouche, com jovens aglomerados vindos de diversas regiões de São Paulo, garantiam a tônica da visibilidade identitária. As conversas e as “fechações” funcionavam como um grito de liberdade⁶ contra o aprisionamento que a família de origem representa para eles. É ali que podem beber, fumar, beijar quantos quiserem e se afirmarem enquanto homossexuais. Se a lógica da afirmação da identidade e das demonstrações públicas de afeto e carinho é o que os movem a circular pelo Arouche, é a partir desses “primeiros passos” dados, que funcionam

⁶ Guimarães & Calixto (2012, p. 2) comentam que além de indicar liberdade de expressão de sexualidades, o Arouche pode “alargar ou embaçar fronteiras geográficas e simbólicas entre territórios de sexualidades hegemônicas e espaços de conforto ou diversidade.”

como qualificadores, pelo menos para alguns desses jovens, que é possível a construção de argumentos e afirmações da homossexualidade contra situações de alijamento e discriminação, tudo isso sendo criado e recriado por eles e por elas, de domingo a domingo. “O contínuo processo de (re) ocupação do Largo está associado com a construção de identidades destes/as jovens, da mesma forma que eles/elas contribuem para a produção do espaço em questão” (Guimarães & Calixto, 2012, p. 11).

Quando me lembro dessa incursão, costumo retomar uma conversa que me foi marcante. Eros me apresentou a um rapaz negro homossexual de 15 anos. Após as apresentações iniciais, Eros saiu e me deixou à vontade para conversar a sós com o garoto. Em uma das perguntas, eu o questionava sobre qual o significado do Arouche. Ele, demonstrando segurança e objetividade, disse que estava cansado de frequentar o Arouche, já que desde os 12 anos tem se feito presente no local. Ele continuou, dizendo: “Está na hora de parar, preciso ficar em casa, relaxar, descansar, porque a vida no Arouche é cansativa.” Deixei essa fala para o final dessa etnografia por acreditar que, de algum modo, ela sintetiza e aponta para possíveis caminhos analíticos. A conversa que tive com esse garoto até hoje ecoa em minhas reflexões. Considerarei-a pertinente e perspicaz para pensar na itinerância das trajetórias, apropriações e representações do espaço – o “consumir lugar no lugar” (França, 2012). A maioria desses jovens provavelmente não conhece a história do Largo do Arouche, e considero que não são obrigados a saber. O fato é que o sentido desse lugar vem sendo, década a década, alimentado e transformado. Talvez questionar se esse espaço se constitui como “gueto” não seja o melhor caminho, já que, para aquele garoto de 15 anos o “gueto homossexual” não tem o mesmo sentido que o da década de 1980. O que me incomoda e me intriga, hoje, mesmo eu tendo noção do aspecto do mercado e do consumo como produtores de sujeitos, corpos, estilos e corporalidades, é a tamanha aceleração com que esses jovens experimentam a homossexualidade. A vivência da homossexualidade, na contemporaneidade, parece como um acelerado processo de se sentir velho, mesmo em se tratando de um jovem com 15 anos. Com relação a esse argumento, Simões (2004, p. 436-437) mostra que

[...] em relação ao tema do envelhecimento precoce entre os homens que gostam de fazer sexo com outros homens, as evidências estão longe de ser conclusivas e se abrem a interpretações ambivalentes. Ressalta-se, de todo modo, que a ênfase em beleza e juventude é fenômeno cultural de alcance mais amplo; assim como considerar que preocupações e preconceitos em relação à idade não são problemas para si próprio, e sim para “os outros”.

Nesse sentido, a pausa, o relaxamento, o descanso, presentes na fala do jovem acima, perseguem, de algum modo, uma valorização da juventude, pela via da preservação, da não exposição, daquilo que Debert (2012, p. 66) irá chamar de juventude enquanto estilo de vida, aspecto que não está associado a um grupo específico, pois

[...] As oposições entre o “jovem velho” e o “jovem jovem” e entre o “velho jovem” e o “velho velho” são formas de estabelecer laços simbólicos entre indivíduos, criando mecanismos de diferenciação, em um mundo em que a obliteração das fronteiras entre os grupos é acompanhada de uma afirmação, cada vez mais intensa, da heterogeneidade e das particularidades locais.

2. “No Guinga’s todo Mundo é Igual...”

Na tentativa de circular por outros espaços de sociabilidade distantes dos “centros” da cidade de São Paulo, que estão localizados em bairros “periféricos”, a exemplo de Itaquera e São Mateus, é que resolvi adentrar no “universo” dos dois lugares, em São Paulo, privilegiados para esta pesquisa, quais sejam: Guinga’s Bar (São Mateus) e a festa temática *Plasticine Party* no Luar Rock Bar (Itaquera). As incursões nestes dois lugares me fez perceber a singularidade de ambos, levando-me a consequente escolha.

⁷ Localizado na Avenida Sapopemba, 13.780, em São Mateus, nos altos de um açougue, desde 2006. Funciona de quarta-feira até domingo, das 23h00 às 06h00. A entrada custa R\$8,00 sem consumação ou R\$15,00 consumíveis e aceita cartão de débito e crédito.

Com relação ao Guinga’s⁷ o que me chamou/chama atenção é que habitam conjuntamente uma boate e um bar (onde a atração maior é o karaokê), separados por uma parede e uma porta de entrada e saída. Localizado nos altos de um açougue e sem a pretensão de

indicar na entrada que se trata de um lugar GLS, o bar/boate (que já existe há mais de 6 anos, conforme conversa com uma das sócias) é representado como um espaço democrático, tanto pela fala dos funcionários e sócios quanto pelas conversas dos frequentadores: é muito comum ouvir que “*no Guinga’s todo mundo é igual!*”, apontando para diferenças entre lugares a partir da dicotomia “centro” *versus* “periferia”: entre homossexuais de classe alta e classe baixa, de consumo (“*porque no Guinga’s ninguém está interessado no que a outra pessoa está vestindo*”), de performance de gênero mais feminina ou mais masculina (“*as pessoas querem se divertir, não querem saber se você dá pinta ou não*”), de idade/geração (“*aqui tá todo mundo junto e misturado... Se você é mais novo, você tem a opção da boate, se você é mais velho pode ficar no karaoke*”), de sexualidade e cor/raça (“*aqui você encontra de tudo: bicha, sapatão, travesti, preto, branco*”). Kobayashi (2013, p. 113) menciona que a definição para o *Guinga’s* é de uma “boate com videokê, onde há uma grande presença de homossexuais na faixa dos 30 anos que gostam de cantar músicas nacionais, como MPB e sertanejo.” Percebi, também, circulação de pessoas vindas de Santo André, Interlagos, República, Tatuapé, Itaquera, Penha, Carrão, Guaianazes, Mogi das Cruzes, além de moradores de São Mateus. Em conversas preliminares, percebi que ao indagar sobre a origem da família de alguns frequentadores, as respostas que obtive me fizeram considerar a marcação de regionalidade, alguns deles possuem família no Nordeste (Bahia, Piauí, Pernambuco), contudo, vieram muito jovens ou nasceram em São Paulo.

Observei as cores, o som, as pessoas. Quando eu estava parado olhando algumas fotos, uma mulher negra, de aproximadamente 1,80m, segurança, se aproximou e começou a conversar. Ela comentava: “*o público é super agradável, não presenciei nenhum caso de violência durante os três meses que trabalho no local*”. Contou ainda que “*sábado é o dia de maior público e, quarta, quinta e domingo a entrada é grátis, sendo que na sexta o público maior é de gays e no sábado de lésbicas*”. A gerente me explicou: “*se trata de um dia deles e um dia delas*”. Porém, de acordo com a segurança, essa distinção relatada pela gerente não existe, o que ocorre é a

predominância do público de homens homossexuais; esta talvez seja uma estratégia para atrair o público de mulheres homossexuais a ocupar o lugar.

Minha primeira incursão ocorreu em uma sexta-feira (09/11/12); confesso que voltei para casa frustrado pelo pouco número de pessoas no lugar. *“A sexta não é o melhor dia da casa”*, era o que comentava uma das pessoas com quem conversei. *“O melhor dia é o sábado. É onde você vai encontrar de tudo: travesti, bicha, sapatão; a casa vai estar lotada, terá até fila para entrar”*, relatava outra pessoa. Os comentários, genéricos, queriam me dizer que eu precisava voltar no sábado para perceber a relação entre discursos e públicos.

Sendo assim, voltei em um sábado e comprovei o que haviam me dito. Antes de entrar, avistei a fila que se formava e o grande número de pessoas que chegavam. Duas coisas me chamaram a atenção: a quantidade expressiva de casais de mulheres e de negras/negros. Elas chegavam em grupos e promoviam a representação de corporalidades mais masculinas (uso de bermuda, calça jeans camisas largas e tênis) e mais femininas (calça jeans e blusa justa ao corpo, salto alto e acessórios – bolsa, pulseira, brinco). A faixa etária variou entre 25 e 50 anos. Em relação aos homens homossexuais, público majoritário, grande parte apareceu desacompanhado, e encontravam seus grupos no Guinga’s. São negros, mais femininos, entre 20 a 40 anos, que usam calça jeans justa, boné de aba reta, camisa baby look, alguns com camisa de time de futebol ou de escola de samba e tênis. Algumas travestis, também, circulavam pelo lugar, em menor número.

Continuei conversando com a segurança. Indaguei-a sobre a questão de quais eram os frequentadores do Guinga’s e de onde vinham. Ela apontou conversas que teve com pessoas vindas de Pinheiros, Morumbi, bairros de classe média/média alta, mas que esse movimento (“contrafluxo centro-periferia”) não ocorreria com tanta frequência, de acordo com ela *“os frequentadores do Guinga’s estariam satisfeitos com o lugar e não precisariam se deslocar para longe em busca de diversão”*.

O espaço está dividido em dois ambientes: a boate, com pista de dança, música eletrônica, apresentação de *go go girls* e *go go boys*, e um bar com karaokê, onde a escolha da música, aparentemente, marca uma posição de gênero masculino ou feminino, de quem canta. Cabe então refletir sobre o seguinte pressuposto: haveria aqui uma sinalização para um cenário de relações hierárquicas entre *bichas* (femininas) e *bofes* (masculinos), *caminhoneiras* (masculinas) e *ladies* (femininas)? A escolha do repertório musical de cada frequentador, além do gosto musical, é representativo da performance de gênero individual: homossexuais mais masculinos (*bofes* e *caminhoneiras*) costumavam cantar músicas do gênero rock, sertanejo, enquanto que homossexuais mais femininos (*bichas* e *ladies*) escolhiam canções interpretadas na voz de cantoras como Christina Aguilera, Mariah Carey, Paula Fernandes. Tais pólos dicotômicos e hierárquicos lembram o clássico sistema classificatório da homossexualidade descrito por Fry (1982). Essa lógica classificatória aparece, resguardando seus usos e sentidos em contextos específicos, nas seguintes etnografias: Facchini (2008), Oliveira (2006), Meinerz (2011), França (2012), Lacombe (2010), Reis (2012).

Essa divisão (karaokê e boate) reflete, além do pressuposto acima, uma marcação temporal: de gosto musical, de processos geracionais de vivência da homossexualidade. Em todas as vezes que fui ao Guinga's e que entrava no Karaokê, o mesmo público estava lá, um *dèjà vu*, cantando as mesmas músicas⁸ (MPB, Sertanejo, Forró, Rock, Pop, Romântico), reafirmando

⁸ Em uma das incursões eu fiquei alguns minutos anotando a seleção de músicas que eram cantadas; montei a seguinte playlist: Bem querer – Mauricio Manieri; Mania de você – Pepê e Neném; Menina veneno – Ritchie; Separação – Riva Tostes; Without You – Mariah Carey; Quem de nós dois – Ana Carolina; Sem ar – D'Black; Codinome beija-flor – Cazuza; Strani amori – Andrea Bocelli; Malandragem – Cássia Eller; Esse amor que me mata – César Augusto; De São Paulo a Belém – Rionegro e Solimões; Pássaro de fogo – Paula Fernandes; O mundo anda tão complicado – Renato Russo; Vento no litoral – Legião Urbana; Quando você me beija – Leandro Lehart; Love by grace – Lara Fabian; Boys don't cry – The cure; Pra sempre vou te amar – Robson; La belle de jour – Alceu Valença; Não deixe o samba morrer – Alcione; Viver sem ti – Thiaguinho.

um convívio entre pares. Na pista de dança notei algumas repetições: o acelerado *bate cabelo, carão*, gênero musical (*tecno, dance, house*). São dois “universos paralelos” que não interagem entre si e que se distanciam para, justamente, marcar uma posição no lugar. O público que frequenta o karaokê é mais velho, e constituem redes de acolhimento que extrapolam a estrutura física do Guinga’s. Redes de amizade, entre proprietárias/os e clientes, que não são específicas de bairros “periféricos”, e que destacam festas temáticas/aniversários na residência de proprietárias/os e de clientes, ajudas mútuas em torno de dificuldades familiares, psicológicas e financeiras. Na pista de dança, a começar pela dança solta, a sensação é menos de uma constituição de “lógicas/climas familiares” e mais de uma individualidade.

Se no *Guinga’s todo mundo é igual!*, à primeira vista parece que este plano retórico se concretiza ao mostrar aquela diversão junta e, às vezes, misturada num único lugar. A contrapelo dessa afirmação, os frequentadores e o lugar apontam que não se trata de uma igualdade em um sentido holístico, mas da possibilidade do reconhecimento e aceitação de diferenças. A própria divisão entre boate e karaokê sinaliza para uma tessitura que agrupa a diferença.

Considerar que a diferença coexiste em meio ao discurso ou a um efeito verbal de igualdade é levar em conta não uma ingenuidade em achar que *todo mundo é igual*, mas perceber a complexidade de um processo que se vale da semelhança, enquanto constituinte de uma “lógica familiar”, de vizinhança, de bairro (Kobayashi, 2013; Rodrigues, 2008; Costa, 2009), para então consubstanciar uma análise que explore subjetividades (Aguião, 2007). O que pretendo é partir de uma cena de grupo em um lugar ou de um efeito discursivo e descortinar esse plano para determinadas/os variáveis/agenciamentos/contingências. Para uma teorização pormenorizada sobre diferença, ver Brah (2006).

Esta afirmação não é apenas correlata ao fato de circularem homens e mulheres homossexuais, travestis, mas também para algo além da

aparência. Valoriza-se o perfil no local, seja ele belo ou feio, como forma, em sentido amplo, de dar valor aos pares moradores desta “periferia” e frequentadores do Guinga’s, como local de segurança e proximidade entre as pessoas (Kobayashi, 2013).

3. “Na Plast Rola de Tudo!”

Sobre a *Plasticine Party*,⁹ também conhecida popularmente como *Plast*, esta é a festa que vários frequentadores intitulam de “*alternativa, onde rola de tudo!*” Ela acontece em uma casa, onde está localizado o Luar Rock Bar.¹¹ O que tem me levado a continuar fazendo pesquisa neste lugar diz respeito à uma vivência de homossexualidade que num primeiro momento parece não encontrar um ponto comum com os frequentadores do Guinga’s. Dito de outra maneira, o suposto caráter homogêneo para a produção, por exemplo, de estilos e corporalidades homossexuais não se sustenta, essas duas “periferias” mostram que o plano retórico e corporal não tem o mesmo tom de regulação, ou seja, não é vivenciado da mesma forma.

Fazendo o seguinte trocadilho: os/as jovens homossexuais que frequentam a *Plasticine* estariam em “início de carreira”, termo alusivo ao que Pollak (1986) já havia mencionado ao argumentar sobre “carreira homossexual”, mais especificamente sobre os aprendizados de lugares e dos modos de encontrar parceiros/as. A esse respeito, Plummer (1983) irá dizer que o “tornar-se homossexual” estaria ligado a uma dimensão do aprendizado, da adaptação e da criação de “significados homossexuais” e da incorporação destes ao padrão de vida pessoal, compreendendo que esses “significados homossexuais” são

⁹ “A Plasticine é uma das baladas mais conceituadas da noite paulistana, abrindo as portas para o público, fiel alternativo, underground e descolado.” (Trecho retirado do site <<http://www.k1000zetas.com.br/camisetta-plasticine>>, acesso em 17/04/13)

¹⁰ Instalado dentro de uma casa antiga em meio a ruínas, na Rua Carolina Fonseca, 35, em Itaquera. Funciona a partir das 22h00. O preço varia de R\$10,00 até 00h00 e R\$15,00 após esse horário e, não aceita cartão de débito ou crédito.

múltiplos, e estão em mudança e tensão constantes. Assim, tal problemática está centralizada sob o modo como formas de subjetivação e identificação são criadas, de maneira contingencial e variável.

São jovens que procuram se impor pelo fio condutor, principalmente, da bebida e da vestimenta, utilizam da corporalidade mescladas ao consumo e à moda como forma de se fazerem presentes no lugar. Os jovens homossexuais frequentadores são fãs de Madonna, Lady Gaga, Beyoncé, Kesha, Katy Perry, Britney Spears, Christina Aguilera (ícones pop), que não poupam esforços em comporem um visual que por vezes se assemelha ao vestuário dessas cantoras, contrapondo-se ao estilo de *punks*, *roqueiros*, *góticos*, *patricinhas* (na maior parte heterossexuais) presentes.

A festa é majoritariamente composta por jovens, homossexuais ou heterossexuais, na faixa etária dos 15 aos 25 anos, vindos dos mais diversos bairros ou cidades de São Paulo: Tatuapé, Tucuruvi, Mogi das Cruzes, Santos, São Bernardo do Campo, Guaianazes, Itaquera, Capão Redondo. De acordo com Kobayashi (2013, p. 113) a *Plasticine* “é composta por um público bem jovem de ‘moderninhos’, esteticamente falando, que gostam do cenário alternativo.” Sobre circulação, com foco nas origens, conversei com pessoas em que a família de origem é do nordeste (Piauí, Bahia), sudeste (Minas Gerais). A *Plast*, com pouco mais de 3 anos, desde o início (conforme conversa com um dos idealizadores da festa), pretende compor uma cena *underground*, *alternativa*, mesclando festas temáticas *rock/punk* com *hip-hop*, brega, axé, *funk*, somando a isso um *dress code* específico ao tema da festa.

Foi a partir de uma festa (Especial Lady Gaga) ocorrida no dia 10/11/12 que comecei a pesquisar neste lugar. Neste dia fiz um campo em companhia de dois amigos, saímos do metrô República em direção a última estação de metrô da zona leste, terminal Corinthians-Itaquera. Minhas primeiras impressões: público jovem (faixa etária entre 15 a 25 anos), misturados entre moças e rapazes - aparentemente, uma grande maioria de homens homossexuais, com alguns heterossexuais (homens

e mulheres); com relação a vestimenta e o estilo percebi uma grande quantidade de pessoas, entre meninos e meninas, com um corte de cabelo desfiado e raspado na lateral, alargador na orelha, calça justa, tatuagem e roupas escuras. Seriam considerados *fashionistas* e alguns procurariam se vestir semelhante ao estilo *punk*.

O controle da entrada é feito através de um carimbo no pulso. Ao entrarmos avistamos o pátio da casa, um espaço sem cobertura, logo a frente o bar e caixa, ao lado uma sala de jogos com mesa de bilhar acompanhada de mesas e cadeiras, no centro uma pista de dança, mais uma área aberta nos fundos e um banheiro masculino e outro feminino, nos fundos. O lugar possui uma atmosfera sombria, reforçado pela penumbra em alguns ambientes. De acordo com um dos organizadores e DJ da *Plasticine*, o sentido que os movem é o seguinte: “*Na Plast rola de tudo! Tem dark room*”. Ele comentou, ainda, que os gêneros musicais são alternados de uma em uma hora.

Esta primeira ida à *Plasticine* me alertou para a expressiva força da vestimenta. Digo isso porque presenciei, claramente, o recurso a um estilo corporal que, de algum modo, fazia jus à temática da festa. Naquela festa o tema era uma homenagem à cantora Lady Gaga por ocasião de sua vinda ao Brasil. No dia seguinte ela se apresentaria em São Paulo. O vestuário de Lady Gaga pode ser considerado não-convencional, vai desde apresentações com vestidos de carne crua, a cliques com macacões de látex cobrindo o corpo todo. Apesar de não ter encontrado alguém vestido semelhante ao visual de Lady Gaga, encontrei homens e mulheres usando camisas com o rosto da cantora, homens homossexuais de salto alto, uma menina cobrindo os peitos apenas com uma fita amarela, fazendo alusão a um dos vídeoclipes desta cantora.

Não sou fã de Lady Gaga e nem sei se conseguiria me vestir, de algum modo, parecido ao vestuário dela, mas aquela composição entre estilo e corporalidade me fez perceber que a afirmação identitária exposta tinha como premissa a articulação entre lugar, público, estilo, corporalidade e consumo. Vendo todas aquelas pessoas, senti, principalmente, a força

dos grupos de amigos e das redes de sociabilidade e de acolhimento. Como a festa se pretende *underground*, *alternativa*, nem sempre ganhando destaque o termo GLS, pela grande circulação de homens e mulheres heterossexuais, fazer parte de um grupo ou de tais redes dá a possibilidade de trocarem informações, se afirmarem enquanto amigos, compartilharem dos mesmos gostos e estilos, aproximarem-se de maneira mais intensa das proprietárias. A constituição em grupos os aproxima e fortalece. Aqui aparece, novamente, a constituição dos/das “climas/lógicas familiares”

Um último ponto: diferente do Guinga’s em que as pessoas se aproximavam de mim com maior facilidade, o que vi na *Plasticine*, no primeiro e demais campos, foi mais uma tentativa de marcarem um lugar, de se afirmarem enquanto tais, do que um diálogo fácil e direto comigo. O contexto verbal era, rapidamente, subsumido por um gesto, aceno, riso, grito, dança, olhar.

Reflexões Finais: (des)construindo sentidos e efeitos de sociabilidades

Dentre os resultados a que cheguei, até o momento, indico dois pontos-chave de análise: a predominância da circulação, e a constituição de lugares de sociabilidades homossexuais nas “periferias” de Itaquera e São Mateus a partir de “lógicas/climas familiares”, que não possuem relação com a constituição das *famílias* no Largo do Arouche. Uma produção de sociabilidades que ganha força a partir da formação de grupos e redes de sociabilidade e acolhimento por bairro. Algo que compreendo como a produção de sociabilidades homossexuais setorializadas.

Nesse sentido, os bares que etnografei (Guinga’s bar e Luar Rock bar) se constroem por iniciativas não somente individuais, mas muito fortemente através da constituição de redes de amizades e de acolhimento. Os sujeitos que frequentam tais lugares, conhecem as trajetórias dos

proprietários, divulgam fotos das festas em suas redes sociais, funcionam como “parentes”. Práticas de “entrosamento” são constantemente reafirmadas (Costa, 2009).

Se no Guinga’s e/ou na *Plasticine todo mundo é igual*, à primeira vista parece que este plano retórico se concretiza ao mostrar aquela diversão junta e misturada num único lugar. A contrapelo dessa afirmação e na percepção aguçada sobre os lugares e movimentações dentro dele, os frequentadores querem dizer que não se trata de uma igualdade entre pessoas, mas de poderem se tolerar/respeitar a partir da produção de diferenças.

A exposição dos dados supracitados pretendem mostrar a diversidade desses lugares localizados em “periferias” e “centros” da cidade de São Paulo, sob a perspectiva de evidenciar uma não-homogeneidade na produção de estilos e corporalidades relacionado à homossexualidade, além disso, identificar processos de diferenciação, identificação e subjetivação, que aparecem mais fortemente quando cruzadas ao aspecto da circulação.

Nesse sentido, é importante notar então que se trata de jovens homossexuais que circulam, que se movimentam, de uma juventude que já não hesita em atravessar as fronteiras do seu meio social de origem (Telles, 2010). Reafirmo, então, o suposto de que se faz necessário problematizar a noção de uma homogeneidade na corporalidade e nos estilos de homossexuais em “periferias” e “centros” de São Paulo, borrar fluxos e contrafluxos, representações e sentidos.

Assim tais homossexuais constroem redes de acolhimento em torno da noção de circulação e do que chamei de “lógicas familiares”. Não acredito que exista uma homogeneidade, mas entendo que tal esforço etnográfico, ainda em curso, permitiu-me perscrutar as constantes negociações feitas em torno da produção de lugares de sociabilidade homossexual nessas “periferias”.

REFERÊNCIAS

- AGUIÃO, Silvia. *“Aqui nem todo mundo é igual”. Cor, mestiçagem e homossexualidades numa favela do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, Área de Gênero, Sexualidade e Saúde. Rio de Janeiro, IMS/UERJ, 2007;
- BARBOSA DA SILVA, José Fábio. Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo. In: *Sociologia*, Vol. XXI, São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1959;
- BRAH, Avtar. Diferenças, diversidade e diferenciação. In: *Cadernos Pagu*, n. 26, Campinas, SP, 2006, p. 329-376;
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. *À meia-luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2010;
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003;
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984;
- CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de. *Sociabilidades de jovens homossexuais nas ruas de São Paulo: deslocamentos e fronteiras*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009;
- CLIFFORD, James. Culturas viajantes. In: ARANTES, Antonio A. (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000, p. 50-79;
- COSTA, Antonio Maurício. *Lazer e sociabilidade: usos e sentidos*. Belém: Açáí, 2009;
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. 1ª ed. 2ª reimp. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2012;

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo) sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2008;

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Fronteiras de tensão: política e violências nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp: CEM: Cebrap, 2011;

FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012;

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo, 2000;

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: _____. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982;

GAGNON, John H.; SIMON, William. *Sexual conduct: the social sources of human sexuality*. Chicago: Aldine Books, 1973;

GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora da UNIFESP, 2000;

GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.); *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005;

GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004;

GUIMARÃES, Eros Sester Prado; CALIXTO, Maria Eugênia Perez. *O QUE COMPRA ALGUÉM NO LARGO: Identidades e homosociabilidades no largo do Arouche domingo à noite*. In: Anais do Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH. Volume 1, Número 1. Salvador: UFBA, 2012, p. 1-13;

HARAWAY, Donna. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. In: *Cadernos Pagu*, n. 22, Campinas, SP, 2004, p. 201-246;

HENNING, Carlos Eduardo. *As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008;

KOBAYASHI, Máira. Do lado de lá: um estudo etnográfico sobre as homossociabilidades que se constituem nas periferias da cidade de São Paulo. In: *Primeiros Estudos*, São Paulo, n. 4, 2013, p. 112-122;

LACOMBE, Andrea. *Ler [se] nas entrelinhas. Sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins*. Tese de Doutorado: Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2010;

LOPES, Paulo Vítor Leite. *Sexualidade e construção de si em uma favela carioca: pertencimentos, identidades, movimentos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2011;

MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010;

MEDEIROS, Camila Pinheiro. *Mulheres de Kêto: etnografia de uma sociabilidade lésbica na periferia de São Paulo*. Dissertação de Mestrado: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2006;

MEINERZ, Nádia Elisa. *Entre mulheres: etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011;

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. In: *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, jan./abr. 2006, p. 103-116;

MOUTINHO, Laura; CARRARA, Sérgio. Apresentação – Dossiê: Raça e Sexualidade em diferentes contextos nacionais. In: *Cadernos Pagu*, n. 35, jul./dez. 2010, p. 9-35;

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2006;

OLIVEIRA, Esmael Alves de. *Nas fronteiras da sexualidade: uma análise sobre os processos de construção e apropriação do espaço em boates GLS do centro da cidade de Manaus*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, 2009;

OLIVEIRA, Leandro de. *Gestos que Pesam: performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2006;

PERILO, Marcelo de Paula Pereira. *Eles botam o bloco na rua! Uma etnografia em espaços de sociabilidades juvenis*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, 2012;

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2a Ed., 2008;

PERUCCHI, Juliana. *Eu, tu, elas: Investigando o sentido que mulheres lésbicas atribuem às relações sociais que estabelecem em um gueto GLS de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001;

PINHEIRO, Ana Laura Lobato. *Trajetórias afetivas e sexuais entre jovens de periferia, Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2011;

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. In: *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, Goiânia, 2008;

PLUMMER, Keneth. O tornar-se gay: identidades, ciclos de vida e estilos de vida no mundo homossexual masculino. In: Hart, J. E Richardson, D. (Orgs.). *Teoria e prática da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983;

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André (Orgs.). *Sexualidades Ocidentais. Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986;

PUCCINELLI, Bruno. *Se essa rua fosse minha: sexualidade e apropriação do espaço na "rua gay" de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Universidade

Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2013;

REIS, Ramon Pereira dos. *Encontros e Desencontros: uma etnografia das relações entre homens homossexuais em espaços de sociabilidade homossexual de Belém, Pará*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012;

RODRIGUES, Carmem Izabel. *Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano*. Belém: Editora do NAEA, 2008;

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Orgs.). *Sexualidades e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 415-447;

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. In: *Cadernos Pagu* (35), Campinas, São Paulo, julho-dezembro de 2010, p. 37-78;

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 309-336;

TELLES, Vera da Silva. *A cidade nas fronteiras do legal e do ilegal*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010;

TRINDADE, Ronaldo. *De dores e de amores: Transformações da homossexualidade paulistana na virada do século XX*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2004;